



## SEXUALIDADE E PSICOPATOLOGIA

### Autor(res)

Heron Flores Nogueira  
Myriam Dias De Almeida  
Gisele Fontes Valentim  
Gabriel Oliveira Dos Santos  
Letícia Barros De Andrade  
Rayanne Lara  
Rosangela Alves Abade Furtado  
Débora Soares Da Silva

### Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

### Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE BRASÍLIA

### Introdução

O artigo de Henrique Araújo Aragusuku (2020) propõe uma revisão crítica da atuação histórica da psicologia frente às sexualidades dissidentes. Dialogando com a psicologia crítica e a teoria queer, o autor evidencia como discursos científicos contribuíram para patologizar expressões de desejo e identidades de gênero que fogem à norma heterocisnormativa. A partir de autores como Foucault, Freud, Bento e Russo, discute-se o papel da psicologia na regulação e exclusão de corpos não hegemônicos. Esta reflexão lança luz sobre os efeitos da medicalização da sexualidade e destaca a necessidade de uma prática psicológica ética, plural e comprometida com os direitos humanos e a diversidade sexual e de gênero.

### Objetivo

Analisar criticamente como a psicologia historicamente contribuiu para a patologização das sexualidades não normativas, destacando os efeitos desse processo na construção de normas de gênero e sexualidade, e refletir sobre a importância de práticas psicológicas éticas, inclusivas e comprometidas com os direitos humanos.

### Material e Métodos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-crítica, com ênfase na análise documental e interpretativa de produções acadêmicas que exploram as intersecções entre psicologia, sexualidade e normatividade. A escolha metodológica fundamenta-se no reconhecimento de que os discursos científicos não são neutros, mas historicamente situados e atravessados por relações de poder, como discutido por Foucault (1976). A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como a psicologia, enquanto campo de saber e prática, contribuiu para a construção e naturalização de categorias que patologizam sexualidades dissidentes.

O texto de Henrique Araújo Aragusuku (2020) constitui o eixo central da análise, pois oferece uma revisão crítica



da atuação histórica da psicologia frente às expressões não normativas de desejo e identidade de gênero. A partir dele, são mobilizadas reflexões de autores como Freud (1905), Butler (2003), Bento (2006), Russo (2002) e Green (2007), que permitem situar a sexualidade como um fenômeno produzido discursivamente, atravessado por dispositivos de controle e regulação.

A pesquisa adota uma perspectiva interdisciplinar, dialogando com a psicologia crítica, os estudos de gênero e a teoria queer, a fim de sustentar uma análise que problematize os impactos da medicalização, da normatização e da exclusão de corpos e subjetividades não hegemônicos. A metodologia proposta visa, assim, contribuir para o fortalecimento de práticas psicológicas comprometidas com os direitos humanos, com a escuta plural e com o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero como parte fundamental da subjetividade humana.

### **Resultados e Discussão**

Os resultados desta análise evidenciam como a psicologia histórica contribuiu para a construção da noção de "sexualidades desviantes", classificando práticas como homossexualidade, fetichismo e outras expressões sexuais fora da norma como patologias. Autores como Krafft-Ebing, Freud e Havelock Ellis influenciaram essa categorização, consolidada em instrumentos como o DSM, que incluiu a homossexualidade como transtorno até 1973. Embora removida, os efeitos dessa patologização ainda se fazem presentes em discursos clínicos e sociais.

Segundo Foucault (1976), a sexualidade foi progressivamente medicalizada e controlada por meio de discursos científicos que, ao invés de apenas descrever, passaram a produzir e normatizar identidades. A psicologia, nesse processo, atuou como ferramenta de controle, reforçando a heterocisnormatividade e marginalizando vivências dissidentes. Freud, ao introduzir a noção de sexualidade infantil, tensionou certos limites morais, mas ainda contribuiu para a ideia de um "desenvolvimento sexual normal", mantendo o caráter excludente.

Aragusuku (2020) propõe uma leitura crítica desses processos, apontando que a ciência não é neutra e que a psicologia operou como agente de exclusão social e epistêmica. Teóricas contemporâneas como Bento (2006), Russo (2002) e Butler (2003) reforçam essa crítica ao denunciar os efeitos subjetivos da normatização e ao defender uma clínica ética, acolhedora e plural. Desnaturalizar a ideia de desvio e reconhecer a diversidade sexual e de gênero como legítima são passos fundamentais para uma psicologia comprometida com os direitos humanos e com a superação de violências simbólicas e institucionais.

### **Conclusão**

A análise mostra que a noção de sexualidades desviantes é uma construção histórica, sustentada por saberes científicos que reforçaram normas e exclusões. O artigo de Aragusuku (2020) evidencia o papel da psicologia na patologização das sexualidades dissidentes, destacando a importância de uma crítica epistemológica a esse legado. Ao dialogar com autores como Foucault, Freud, Bento e Butler, reforça-se a necessidade de uma psicologia ética e inclusiva, comprometida com os direitos humanos, que valorize a diversidade e promova práticas clínicas voltadas à dignidade e à justiça social.

### **Referências**

ARAGUSUKU, Henrique Araújo (2021). Um Capítulo Esquecido na História da Psicologia? Sexualidades Desviantes, Psicopatologia e Normalidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, e263291, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000263291>. Acesso em: 14 abr. 2025.



FOUCAULT, Michel (1976). História da Sexualidade: A vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FREUD, Sigmund (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

BENTO, Berenice (2006). A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. São Paulo: Garamond, 2006.

RUSSO, Ann J. (2002). Psicologia, sexualidade e exclusão: discursos científicos e seus efeitos. São Paulo: Cortez, 2002.